

TRADUÇÃO DO PORTUGUÊS PARA O ITALIANO DO LIVRO *EU* DE AUGUSTO DOS ANJOS

Translating *Eu* by Augusto dos Anjos from Portuguese to Italian

Sergio ROMANELLI, UFSC¹

Camila CAMILOTTI, UFSC²

Margot MÜLLER, UFSC³

Sandra GIACOMOZZI, UFSC⁴

RESUMO: Neste trabalho apresentamos os resultados parciais do projeto de extensão “Tradução do português para o italiano do livro *Eu* de Augusto dos Anjos” (notes 2011.3886) desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto visa envolver alunos de graduação e de pós-graduação, de língua e literatura italiana e das disciplinas teóricas de tradução, num trabalho de análise, seleção e tradução de um autor brasileiro inédito na Itália. O objetivo é o de preparar os alunos ao trabalho de tradutor do português para o italiano e, ao mesmo tempo, torná-los cientes da complexidade dessa atividade criativa. Augusto dos Anjos foi escolhido pelos alunos e pelo docente, em sala de aula, pela relevância e originalidade de sua obra poética e pelo ineditismo na Itália. Até o momento foram traduzidos dez sonetos seguindo os princípios das teorias descritivas da tradução, especificamente a de Susan Bassnett, levando em conta o público de chegada ao qual eles se destinam. Pretende-se chegar à tradução integral da obra do brasileiro em vista de uma futura publicação estimulando dessa forma a divulgação da cultura e literatura brasileira e da poesia de Augusto dos Anjos, na Itália.

PALAVRAS-CHAVE: Augusto dos Anjos; Tradução; Literatura Brasileira

ABSTRACT: In this work we present the partial results of the Project *Tradução do português para o italiano do livro Eu de Augusto dos Anjos* (notes 2011.3886) developed at Universidade Federal de Santa Catarina. The project involves undergraduate and graduate language and Italian literature students in the exercise of translating and analyzing Augusto dos Anjos’ poems from Portuguese to Italian. The poems to be translated belong to the author’s book intitled *Eu*. In the activity of translating and analyzing the author’s poems, the students have the opportunity to observe the various stages of the translator during his creative process. The project also aims at preparing them to work as translators from Portuguese to Italian and at the same time make them aware of the complexity of this creative activity. Augusto dos Anjos was chosen, due to the relevance of his poetry and his originality in Italy. So far ten sonnets were translated, according to the theoretical principles of descriptive analysis in Translation Studies, specifically Susan Bassnett’s notion on poetry translation. The translations are concerned on the Italian target reader and

¹ Professor doutor da UFSC, departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e na PGET (Pós-graduação em Estudos da Tradução)

² Doutoranda em Estudos da Tradução (PGET), na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista CNPQ.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista CNP

⁴ Graduanda pela UFSC

we are interested in a future publication of Augusto dos Anjos' *Eu* in Italy, thus encouraging the dissemination of Brazilian culture and literature in Italy.

KEY WORDS: Augusto dos Anjos; Translation; Brazilian Literature

INTRODUÇÃO

Em *História concisa da literatura brasileira*, Alfredo Bosi (1974, p. 321) define o poeta paraibano Augusto dos Anjos (1884-1914) como “o mais original dos poetas brasileiros entre Cruz e Sousa e os modernistas.” E essa originalidade, segundo Bosi (1974), deve-se ao caráter paradoxal e até mesmo surpreendente de sua linguagem, repleta de vocábulos esdrúxulos e com um forte tom de pessimismo. Características essas singulares no âmbito literário brasileiro. Na opinião de Bosi, um poeta poderoso como Augusto dos anjos, “deve ser mensurado por um critério estético extremamente aberto que possa reconhecer, além do ‘mau gosto’ do vocabulário rebuscado e científico, a dimensão cósmica e angústia moral de sua poesia.” (1974, p. 321).

Complementando a afirmação de Bosi e reconhecendo em Augusto dos Anjos um poeta único e original da literatura brasileira, José de Nicola afirma que “sua poesia é a soma de todas as tendências (costuma-se dizer de todos os ismos) da segunda metade do século XIX, bem como das do início do século XX” (1988, p. 157). De Nicola declara que o cientificismo e a vulgaridade presentes na poesia de dos Anjos atingiram uma popularidade acima das expectativas, popularidade essa que hoje em dia se faz presente tanto em meio aos críticos, quanto aos leitores. A questão é que a poesia de Augusto dos Anjos é uma constante busca pela perfeição: métrica rígida, aliteraões, cadência musical e rimas perfeitas.

Ainda em relação à poesia de dos Anjos, José Paulo Paes declara ser essa repleta de “louvações da ciência *in abstracto* enquanto fatora do avanço social e moral da humanidade, a espancar com as luzes da razão as trevas da superstição e do obscurantismo religioso, tanto quanto do conservadorismo político.” (1985, p.13). Na visão de Paes, o conteúdo existencial e subjetivo da poesia de Dos Anjos acaba por classificar-se no âmbito filosófico, pois coloca a consciência do indivíduo diante do constante movimento do universo. Universo esse que, para o poeta, caracteriza-se na degradação e na decomposição que pouco a pouco consome os seres humanos deixando-os a mercê dos vermes. É como se a paixão, a vida e a quimera fossem destruídas e perdidas em uma natureza prestes a acabar. Como afirma Bosi, “para o poeta, as forças da matéria que pulsam em todos os

seres e em particular no homem, conduzem ao Mal e ao Nada” (1974, p.322). E o poeta torna-se, então, espectador desse processo de degeneração e decomposição. O verme, para dos Anjos, é o protagonista responsável por essa decomposição do homem. Em face dessa visão marcadamente realista, o poeta era cético em relação ao amor e ao prazer. O poeta via-se como um homem incapaz de amar e de ser amado. Pouco fala de amor e quando fala, refere-se a ele como algo fútil e de impossível existência. Em seus poemas *Queixas Noturnas* (1998, p.95) e *Idealismo* (1998, p.40), dos Anjos revela, logo nas primeiras estrofes, sua visão do amor:

Sobre histórias de amor o interrogar-me
É vão, é inútil, é improficuo, em suma;
Não sou capaz de amar mulher alguma,
Nem há mulher talvez capaz de amar-me.

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!
O amor na Humanidade é uma mentira.
É. E é por isto que na minha lira
De amores fúteis poucas vezes falo.

Embora seja um autor consagrado do cânone literário brasileiro, Augusto dos Anjos não foi um poeta de prestígio em seu tempo. Sua poesia, marcada pelas características peculiares acima mencionadas, não foi bem recebida pelos críticos e pelos leitores da época. As primeiras edições⁵ de seu único livro, *Eu*, foram consideradas com estranhamento. Os críticos⁶ da época não conseguiram perceber na poesia de Augusto dos Anjos características parnasianas e nem mesmo simbolistas, em decorrência de seu conteúdo chocante. Não obstante, dos Anjos não se afastou completamente dos movimentos da época, herdando deles as características formais que divergiam de sua poética científicista e inusitada. Segundo Nara Marley e Aléssio Rubert (2007), a sonoridade e as características formais das poesias de Augusto dos Anjos relacionam-se, respectivamente, ao simbolismo e ao parnasianismo.

Eu e outras poesias passou a ser observado com mais atenção pelo público e pelos críticos somente a partir da terceira edição. Tanto que o livro em questão foi considerado

⁵ A primeira edição do livro, lançada em 1912, não continha ainda *Outras poesias*, parte essa que foi acrescentada às edições posteriores. Após o falecimento de Augusto dos Anjos, em 1914, seu amigo Órres Soares reuniu a coletânea original das poesias de *Eu*, incluindo um poema inacabado, *A meretriz*. A segunda edição do livro, a qual foi prefaciada por Soares, saiu em 1920 pela Imprensa Oficial do Estado da Paraíba.

⁶ Conta-se que Olavo Bilac, ao saber da morte de Augusto dos Anjos, disse: “não perde-se grande coisa”. Bilac jamais teria imaginado que Augusto dos Anjos seria posteriormente lembrado como um dos grandes poetas do cânone literário brasileiro. Informação tirada dos comentários iniciais do prefácio sobre Augusto dos Anjos no livro *Eu e outras poesias*. L&PM Pocket, 1998. O autor é desconhecido.

um dos maiores fenômenos editoriais de poesia nacional, ultrapassando quarenta edições. Bosi (1974) alega que o motivo da popularidade do livro deve-se, principalmente, ao caráter original e cru da poesia de dos Anjos. Essas mesmas características antes vistas com estranhamento, hoje são consideradas como algo incomum no âmbito literário brasileiro. No entendimento do autor, o livro não teria chamado tanto a atenção do público leitor e dos críticos se não fosse pela profundidade do conteúdo instigante, reflexivo e muito realista acerca do indivíduo e do universo. E esse conteúdo é exposto através de uma linguagem crua, inusitada, científica e melancólica.

Rafael Soares de Oliveira em sua dissertação *O poeta do hediondo: Feísmo e cristianismo em Augusto dos Anjos* alega que *Eu e outras poesias* apresenta-se como lentes corrosivas e barbarizantes determinadas a fazer o mundo enxergar a natureza e o homem com olhos pessimistas, capazes de distorcer “o real até a caricatura mais mordaz.” (2008, p. 28).

Embora considerado um poeta original pelos críticos, Augusto dos Anjos não ocupa ainda o espaço que merece nos livros didáticos. Ao que consta num artigo publicado recentemente, intitulado *Literatura e sociedade em Augusto dos Anjos: uma reavaliação do Cânone*, Augusto dos Anjos é exposto como um poeta “incompreendido” e pouco explorado e sua poesia é avaliada somente sob o ponto de vista de sua característica insólita e pessimista. Os aspectos políticos e sociais, que também se fazem presentes em sua poesia, acabam por ser negligenciados. Essa conclusão foi tirada pelos autores Luís Claudio Ferreira Silva e Marciano Lopes, após a análise de três livros didáticos: *Literatura brasileira: das origens aos nossos dias*, de José de Nicola; *Português*, de Faraco & Moura e *Português*, de João Domingues Maia. Segundo Silva e Lopes (2008), esses livros dedicam somente algumas poucas páginas ao poeta e, nelas, discorrem sobre Augusto dos Anjos como poeta do pessimismo e do inusitado. Não veem em Augusto dos Anjos um poeta que, “mantendo sua força vocabular, vê o ‘escarro’ como fruto de uma sociedade perversa e não como um fruto de homem perverso em sua essência.” (SILVA; LOPES, 2008, p. 2587). Os autores criticam essa posição dos livros didáticos e defendem que Augusto dos Anjos e sua poesia deveriam ser abordados com mais profundidade nas aulas de literatura brasileira.

TRADUÇÕES DE AUGUSTO DOS ANJOS

Embora atingindo grande prestígio no cânone literário brasileiro, a obra *Eu e outras poesias* não foi traduzida formalmente para outros idiomas. Na busca por traduções no site *Index Translationum* da UNESCO⁷ e em outros sites de pesquisa da internet não se encontraram traduções formais das poesias de Augusto dos Anjos para outras línguas e culturas. Encontraram-se somente algumas informais para língua inglesa e italiana, publicadas em blogs. Contudo, encontramos um projeto de tradução intersemiótica com base em dois poemas de Augusto dos Anjos: *Obsessão* e *Bilhete Postal*. O projeto, intitulado *A carne dos vencidos no verbo dos Anjos*, consiste na transferência desses dois poemas para a dança e foi realizado pelo Grupo Cena 11, Cia de Dança 3 e estreou no 7 (sétimo) panorama Rio-Arte de Dança 3 no Rio de Janeiro, em outubro de 1998. Segundo consta no programa do espetáculo (*apud* AGUIAR e QUEIROZ, 2008, p. 42), “a performance [...] se serve da fisicalidade unida a textos microfonados, projeção de slides e utilização de objetos cênicos para comunicar, através da coreografia, a plasticidade, ritmo e estilo que emanam da obra poética de Augusto dos Anjos.” O projeto atua como um modo de recriação da poesia de Augusto dos Anjos, bem como uma estratégia de expansão da atividade da tradução intersemiótica.

Em decorrência dessa ausência de traduções das poesias de Augusto dos Anjos para outros idiomas, criamos um projeto de extensão intitulado *Tradução do português para o italiano do livro Eu de Augusto dos Anjos*, que está comprometido em traduzir o livro *Eu e outras poesias*⁸ para o italiano, a fim de divulgar a literatura e a cultura brasileira na Itália, bem como apresentar ao público leitor italiano o trabalho do poeta brasileiro. A ideia surgiu durante a disciplina *Estudos da Tradução II em italiano* ministrada no segundo semestre de 2010 no curso de Língua e Literatura Estrangeiras da UFSC por Sergio Romanelli. O projeto teve início no primeiro semestre de 2011 e, até o presente momento, traduzimos três poesias de *Eu* (*A ideia, Eterna Mágoa e Contraste*) e seis de *Outras poesias* (*Mystica Visio, Ceticismo, No campo, Minha finalidade, Afetos e Ecos d'alma*).

Por tratar-se de um gênero literário que possui um complexo potencial estético e formal, a poesia apresenta, na maioria das vezes, desafios e limitações para o tradutor. Susan Bassnett (2003), em sua obra *La traduzione: Teorie e pratica* explica que muito se

7

http://portal.unesco.org/culture/en/ev.phpRL_ID=7810&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html
Acesso em 23 de março de 2012.

⁸ Salientamos que o nosso projeto visa somente a tradução da primeira parte do livro, *Eu*.

tem estudado acerca da tradução de poesias, porém em sua opinião, faltam estudos empíricos. A questão, segundo ela, é que, ao traduzir esse gênero textual, o tradutor não deve tratá-la como outro texto literário qualquer. Diferentemente do gênero narrativo, o poético é pautado pela polissemia e pela relação peculiar entre prosódia, eufonia, métrica e ritmo. Para um tradutor o desafio principal, ao traduzir um texto poético, é conseguir manter um equilíbrio entre esses elementos constitutivos também na outra língua.

Em seu texto, Bassnett menciona sete estratégias para a tradução de poesia: 1) Tradução fonêmica - para reproduzir na língua alvo o mesmo som da língua de partida (língua fonte), conservando, consecutivamente, o significado das palavras; 2) Tradução literal - há que se tomar cuidado com a tradução literal, pois, ao traduzir palavra por palavra pode-se distorcer o sentido do original; 3) Tradução métrica - busca-se manter a mesma métrica do texto original, para que não haja prejuízos na constituição orgânica do texto; 4) Poesia transformada em prosa - com esse método, há uma distorção de sentido, de valor comunicativo e de síntese do texto na língua de partida; 5) Tradução com rimas – neste caso, o tradutor cai em um processo de escravidão à métrica e à rima; o produto final acaba por ser uma caricatura do texto original; 6) Tradução em versos livres - nesse caso, também, há restrições impostas na escolha da estrutura, mas, há uma maior precisão e literalidade; 7) Interpretação – com essa estratégia, o tradutor entra em um processo de *versão*, a qual conserva a essência do texto fonte, mas produzindo um texto novo (BASSNETT, 2007, p.113-14).

Bassnett (2007) adverte, ainda, que os defeitos das estratégias mencionadas acima se devem ao fato de que, na escolha de alguns critérios metodológicos, os tradutores acabam por dar ênfase excessiva a somente alguns elementos da poesia. A tradução do poema, então, acaba se tornando uma estrutura não orgânica e o resultado é uma tradução objetivamente imponderada.

Durante as atividades de tradução dos poemas de Augusto dos Anjos, nos deparamos com uma série de desafios e limitações em decorrência da linguagem rebuscada, cientificista, inusitada e da perfeita constituição estética (rimas, ritmo, cadência musical) que, como dito anteriormente, caracterizam as poesias do autor paraibano; podemos constatar, também, a dificuldade em manter a poeticidade do texto de partida sem cair nas armadilhas apontadas por Bassnett; mesmo assim acreditamos que seja impossível recriar todos os elementos que compõem uma poesia e que o tradutor de poesia mais que em outros gêneros precisa optar por alguns deles em detrimento de outros.

Dentre as poesias já traduzidas, optamos por expor nessa ocasião o processo tradutório de *A ideia*, por ser a primeira a ter sido trabalhada em sala de aula e devido a alguns desafios encontradas no processo tradutório. A poesia em questão e sua tradução em italiano encontram-se a seguir:

| A ideia | L'idea |
|---|--|
| <p>De onde ela vem?! De que matéria bruta Vem essa luz que sobre as nebulosas Cai de incógnitas criptas misteriosas Como as estalactites duma gruta?!</p> | <p><i>Da dove viene? Da quale materia bruta Viene questa luce che sulle nebulose cade da ignote cripte misteriose come le stalattiti di una grotta?!</i></p> |
| <p>Vem da psicogenética e alta luta Do feixe de moléculas nervosas, Que, em desintegrações maravilhosas, Delibera, e depois, quer e executa!</p> | <p><i>Viene dalla psicogenetica e dall'alto lottare del fascio di molecole nervose, che in disintegrazioni meravigliose, delibera, e poi vuole realizzare!</i></p> |
| <p>Vem do encéfalo absconso que a constringe, Chega em seguida às cordas da laringe, Tísica, tênue, mínima, raquítica ...</p> | <p><i>Viene dall'encefalo occulto che la costringe, arriva poi alle corde della laringe, tisica, tenue, minima, rachitica...</i></p> |
| <p>Quebra a força centrípeta que a amarra, Mas, de repente, e quase morta, esbarra No molambo da língua parálitica!</p> | <p><i>Rompe la forza centripeta che la sbatte ma, all'improvviso, e quasi morta, imbatte negli stracci della lingua paralitica.</i></p> |

Trata-se de um soneto composto por dois quartetos e dois tercetos de decassílabos com rima ABBA ABBA CCD EED e com presença de *enjambement* nos versos 1, 2, 3, 5, 13. Há, também, a presença de uma metáfora na primeira estrofe (verso 4: “como as estalactites duma gruta”). Do ponto de vista estilístico-lexical, *A ideia*, assim como toda poética do autor, apresenta campos semânticos que remetem a diferentes áreas do conhecimento, a saber, Biologia (“moléculas”, “nervosas”); Geologia (“estalactites duma gruta”); Anatomia (“cordas da laringe”, “encéfalo”, “língua”); Física (“força centrípeta”); Química (“moléculas, desintegração”); Astronomia (“nebulosas”) e Medicina (“tísica”, “paralítica”). O tradutor precisa lidar com essa variedade semântico-linguística para transpô-la para outra língua. No caso da tradução para o italiano, esses termos não apresentaram (pelo menos nesse poema) problemas, em consequência da proximidade entre as duas línguas.

Isso não significa que não haja termos de difícil tradução: é o caso da tradução do termo *Molambo*⁹ que gerou discussões no grupo, pois era desconhecido pela maioria dos membros. Por essa razão, antes de começarmos a tradução da estrofe, buscamos pesquisar a etimologia do termo *Molambo* e entendê-lo no contexto do poema e da estrofe na qual ele aparece. Ao começarmos a traduzir, nos deparamos com duas opções tradutórias: a primeira seria manter o termo original em português pelo fato de não existir um termo equivalente em língua italiana. Porém, se optássemos por essa solução, teríamos que adicionar uma breve explicação em nota de rodapé para fornecer ao leitor da cultura de chegada o significado de *Molambo* na cultura de origem. No entanto, por tratar-se de um texto poético, a exposição de uma nota de rodapé comprometeria o ritmo da leitura, o que não aconteceria caso o texto fosse narrativo. A outra opção seria encontrar um termo que tivesse a mesma função semântica e eufônica na língua de chegada. E, de fato, optamos por essa última. Considerando que, pelas teorias acima discutidas, não existem equivalentes nem do ponto de vista linguístico e nem do ponto de vista cultural, a opção mais apropriada seria a de trabalhar com a sinonímia. Procuramos, portanto, fazer nossa interpretação textual da última estrofe. Percebemos com isso, que o centro da reflexão do poeta é a força arrebatadora que a ideia possui enquanto está na mente dos seres humanos e que parte dela é perdida ao ser expedida pela língua, que é um membro incapaz de transmitir todo o potencial e a força que o intelecto possui (no caso a ideia). Por essa razão,

⁹ No dicionário Aurélio (2009), a definição de *Molambo* aparece da seguinte forma: [Do quimb., *mu'lambu*, ‘pano’] S.m. Bras. 1. Pedaco de pano velho, rasgado e sujo; farrapo. 2. Roupa velha ou esfarrapada. 3. *Fig.* Indivíduo fraco, pulsínâme, sem firmeza de caráter.

a competência da percepção do raciocínio humano é limitada pela constituição do órgão que o expressa, no caso a língua, que não acompanha a complexidade dessa percepção e, por isso, é considerada parálitica pelo poeta. Pensando nessa reflexão do autor, procuramos encontrar um termo que remetesse à mesma ideia. Chegamos então à palavra *stracci* que, em italiano, significa panos sujos, sem força e sem valor que, nesse caso, remete à mesma semântica da palavra *Molambo* do texto de origem.

Outro elemento que geralmente apresenta-se como um desafio na tradução poética é a manutenção das rimas. Em nossas traduções, escolhemos dar mais ênfase às rimas do que à versificação das estrofes. Dessa forma, optamos por um verso livre, levando em consideração o leitor italiano contemporâneo. Mesmo trabalhando com versos livres, optamos por manter a estrutura do soneto com a clássica divisão (quartetos e tercetos). Em alguns casos, foi necessário modificar a estrutura morfosintática dos versos para manter a rima.

Um exemplo disso aconteceu na tradução do poema *Mystica Visio*. A primeira frase da primeira estrofe, “Vinha passando pelo meu caminho” foi traduzida como “*per la strada mi accompagnava*”, em italiano, ou seja, invertemos os elementos morfosintáticos para que a manutenção da rima fosse possível. A estrutura do poema original é ABBA, mudamos para ABAB no italiano e essa escolha nos possibilitou encontrar rimas eficazes. Nesse caso, portanto, o tipo de rima e a estrutura morfosintática do verso foram submetidos ao ritmo (prosódia). É possível que outro grupo de tradutores das poesias de Augusto dos Anjos opte pelo contrário: eliminar as rimas e manter a métrica dos versos originais. Esse critério poderia ser questionado, mas sabe-se que na tradução em geral e, sobretudo na de textos poéticos, é necessário optar, tomar decisões, pois é dispensável traduzir todos os elementos do texto original para o texto de chegada. No nosso caso, particularmente, identificamos no ritmo a característica mais forte do autor em questão e procuramos mantê-lo com equivalentes lexicais de outro tipo na língua italiana.

No caso de *A ideia*, a estrutura no original facilitou a manutenção das rimas (como na primeira estrofe, nas palavras: *bruta-grotta*; *nebulose- misteriose* e na segunda estrofe, nas palavras, *nervose-meravigliose*), mas não foi sempre dessa forma com os outros poemas. Ainda na segunda estrofe, utilizamos o verbo *realizzare* no último verso para rimar com *lottare* no primeiro, sendo que em português as palavras correspondentes são: *lutar* e *executar*. O mesmo acontece na terceira estrofe. Optamos por manter os mesmos termos na tradução em italiano, portanto, as palavras *constringe*, *laringe* e *raquítica* em português foram traduzidas respectivamente por *costringe*, *laringe* e *rachitica*, em italiano.

Ainda em relação a exemplos de proximidades das línguas, podemos observar que na última estrofe os termos *amarra e esbarra*, em português foram traduzidos respectivamente por *sbatte* e *imbatte*, conservando, dessa forma, a rima, porém buscando uma aliteração diferente do original pois no caso em questão não existiam termos equivalentes em italiano do ponto de vista eufônico (*amarra-esbarra* VS. *Sbatte -imbatte*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com as traduções das poesias de Augusto dos Anjos para o italiano está sendo proveitoso e produtivo, pois, além de oferecer a tradução de um autor inédito para o público italiano e para a língua italiana, nos possibilita observar os desafios e lidar com as opções, com as dificuldades e com as peculiaridades da tradução de um texto poético. Isso nos leva a concluir que o processo tradutório é um processo autoral, pois lida com mesmas possibilidades, decisões e escolhas que costuma enfrentar e tomar o autor do texto original. Ao longo desse processo, o tradutor passa a ser autor de um novo texto. Ele encontra uma matéria que já foi organizada por um poeta e produz outra obra de arte para o seu público alvo, tornando-a mais legível, mais emocionante e mais próxima para o seu leitor.

Reiteramos, com isso, que a responsabilidade do tradutor é imensa. Além de criador de um novo texto em um código linguístico diferente, ele torna-se porta voz dos condicionadores e condicionantes sociais de sua própria cultura (cultura de partida) e a cultura do espectador (cultura de chegada). Na tradução de um texto poético, o tradutor tem a permissão de utilizar todo seu poder criativo e sua habilidade para fazer escolhas interessantes para ele, como tradutor, e para o público receptor. Tais escolhas podem, muitas vezes, levantar questionamentos, atualizar, informar, instruir e ensinar o público de chegada. Como membros do grupo de pesquisa direcionado às traduções de Augusto dos Anjos para a língua italiana, nos sentimos honrados em poder apresentar para o público italiano as poesias desse grande poeta brasileiro e com elas traços de nossa cultura e de nossa língua.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Daniela, QUEIROZ, João. **Sobre tradução intersemiótica e aplicações em dança**. 2008. Monografia apresentada como apoio à Pesquisa e Projetos Artístico-

Educativos em Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB)- Universidade Federal da Bahia, 2008.

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1998.

BASSNETT, Susan. **La traduzione teorie e pratica**. Milão: Strumenti Bompiani, 1993.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1974.

FERREIRA, Luis Claudio; LOPES, Marciano. Literatura e sociedade em Augusto dos Anjos: Uma reavaliação do cânone. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/47495981/Literatura-e-sociedade-em-Augusto-dos-Anjos-uma-reavaliacao-do-canone>>. Acesso em 23 mar. 2012.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 1988.

PAES, José Paulo. **Augusto dos Anjos ou o evolucionismo às avessas**. São Paulo: Global editora, 1985.

SANTOS, Ginaldo Silva. **A morbidez poética em Eu de Augusto dos Anjos**. Disponível em: <http://perci.com.br/augusto/index.php?option=com_content&task=view&id=232&Itemid=41>. Acesso em 22. Mar. 2012.

SOARES, Rafael Oliveira. **O poeta do hediondo: feísmo e cristianismo em Augusto dos Anjos**. 2008. Dissertação (Mestrado em estudos literários)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.